

N I A L L L E O N A R D

O TRITURADOR

Tradução

Ronaldo Passarinho

1ª edição

B

BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2017

UM

Era cedo demais para haver alguém esmurrando a porta da frente. Desci rapidamente a escada, com os cabelos ainda encharcados do banho, e abri o trinco.

— Desculpe, filho, me tranquei do lado de fora — disse papai, tremendo de frio ao entrar.

Notei que saíra de chinelos e fiquei curioso para saber por quê. Então vi que trazia enrolada na mão uma revista destinada a profissionais do setor televisivo e senti um aperto no peito.

Papai estava um caco, com os olhos azul-celeste avermelhados e os cabelos claros em pé. Suas madeixas revoltas não lhe davam um aspecto chique ou descolado. Pelo contrário. Ele parecia ter dormido na soleira da porta. Na noite anterior, escutara-o voltar para casa, tentando não fazer barulho com seus passos trôpegos e resmungando palavrões ao tropeçar nos móveis. Mesmo assim, levantara-se no horário de sempre, enquanto eu

fazia minha corrida matinal. Quando voltei, o desjejum que ele havia preparado ainda estava morno na mesa: ovos velhos, fatias finas de bacon e café com leite instantâneo. Tomei um copo de suco de laranja, embora de laranja o suco industrializado só tivesse a cor.

— Droga — disse ele, apertando os olhos por trás dos óculos tortos ao dar uma olhada na primeira página da revista.

Começou mais cedo do que eu esperava.

— O que foi?

— O Bill Winchester conseguiu uma segunda temporada naquela série policial sobre viagens no tempo. Sacana sortudo.

— *Future Perfect?*

Meu pai me fuzilou com os olhos, como se eu estivesse sendo desleal.

— Nunca vi um episódio — acrescentei, dando de ombros. — Só ouvi falar.

— Eu e o Bill trabalhamos juntos muitos anos atrás, na série *Henby General*.

— É, você me contou.

Mas a verdade é que ele não gostava muito de tocar no assunto. Papai tinha feito sucesso no começo da década de 1990. Durante algum tempo, foi o ator irlandês favorito do público. Chegou até a ser premiado como Melhor Ator Revelação. A estatueta de bronze permanecia na cornija da lareira, juntando uma poeira irônica. Desde então, foi tudo morro abaixo. Ele não mantinha a estatueta à mostra por nostalgia ou vaidade, e sim para alimentar sua inveja.

A inveja é o que nos mantém esfomeados e vorazes, dizia, o que eu não entendia, porque vivia com fome quando criança e nunca me acostumei com isso. Todos os seus antigos colegas estavam melhor que ele. Dizem que, cada vez que um amigo nosso faz sucesso, uma parte da gente morre. Se fosse verdade, papai já seria um cadáver em estágio avançado de decomposição.

Via a si mesmo como um intérprete entusiasmado, dedicado, instigante. Os diretores o viam como um sujeito temperamental e cabeça-dura, com quem era impossível trabalhar. As oportunidades vinham rareando há um bom tempo quando ele conheceu minha mãe. Seu último papel foi como um naufrago comendo uma pizza imaginária em uma ilha deserta. Era o comercial de uma seguradora, eu acho, mas talvez fosse para vender pizzas ou ilhas desertas. Oficialmente, ele nunca se aposentou, mas deixou crescer a barba, parou de frequentar audições e desistiu de importunar seu agente para lhe arrumar trabalho.

Não estava disposto a esperar o telefone tocar, dizia. Ia fazer sua própria sorte. Escreveria um épico televisivo tão eletrizante e autêntico que os produtores entrariam em guerra para produzi-lo. E escreveria um bom papel para si mesmo, é óbvio, para que fossem obrigados a contratá-lo. Não o do protagonista, é claro. Precisava ser realista. O papel principal poderia ser interpretado por um de seus colegas mais famosos, o que ajudaria a vender o projeto. Ele tinha tudo planejado. Planejado há muitos anos, mas nada acontecia.

— Não esquente a cabeça, papai. Como você sempre diz, o sucesso é a melhor vingança.

— É, mas talvez eu esteja errado. Vai ver a melhor vingança é decapitar alguém com uma serra enferrujada. Talvez eu devesse experimentar.

Tirei a mesa e fui lavar a louça suja na cozinha.

— O que vai fazer hoje? — perguntei, mais por educação do que por interesse.

— Trabalhar.

Papai empregava o termo da forma mais abrangente possível. Boa parte de seu trabalho consistia em ficar olhando pela janela. Lera todos os manuais de roteiro que a biblioteca local possuía e vivia repetindo aforismos e lemas sobre inspiração e perspiração e a importância de manter a bunda grudada na cadeira. Sempre escrevia dez páginas por dia. O único problema é que rasgava nove delas no dia seguinte. Às vezes, saía perambulando pelas ruas de Londres fazendo “pesquisas”, e suas anotações e recortes se empilhavam na mesa da sala, ao lado do *laptop*. Durante o jantar, sempre tentava me falar a respeito de sua ideia mais recente, mas fazia tempo que eu não dava bola.

— Você não vai acreditar no que ouvi ontem à noite — disse ele. — O submundo londrino está pior que a corte do Calígula. Os mafiosos estão em guerra uns com os outros. Isso é que é drama de verdade. E está acontecendo bem na nossa cara, mas ninguém quer saber.

Então por que diabo você vai escrever sobre isso?, pensei, mas não disse nada. A maior qualidade de papai

era seu eterno otimismo. Algum dia, com muito esforço e um pouco de sorte, ele se tornaria rico e famoso. Não precisaríamos mais ser obrigados a nos virar com a renda cada vez menor de seus direitos autorais e com o salário pífio que eu recebia trabalhando na rede de lanchonetes Max Snax.

— Quer que eu traga alguma coisa para o jantar? — perguntei.

— Não. Devo fazer compras mais tarde.

Mas eu sabia que ele não faria compras antes de vasculhar as lixeiras da rua em busca de comidas prontas congeladas, fora do prazo de validade, que serviria com um sermão a respeito das mazelas da sociedade de consumo e do desperdício que produz. Antigamente, eu até agradecia pelo desperdício, pois era o que nos alimentava.

— Sabe onde estão as chaves sobressalentes? — perguntou papai enquanto eu amarrava os cadarços dos tênis.

— Penduradas no lugar de sempre. A farra foi pesada ontem à noite?

— Deixa pra lá. As minhas chaves devem estar por aqui, em algum lugar.

— A gente se vê.

Levantei-me, esperando seu rotineiro resmungo de despedida, mas ele largou a revista e olhou para mim.

— Finn? Está tudo bem com a gente, não é? Entre nós.

Tudo bem? Como poderia estar tudo bem? Eu era um analfabeto funcional que não havia completado o ensino médio, preso a um subemprego que não me levaria a lugar algum, e ele, um zé ninguém que passava os dias escre-

vendo um roteiro que nunca terminaria e que ninguém leria mesmo se terminasse.

— Claro que está, papai. Preciso ir.

— Até mais.

Fechei a porta atrás de mim, apressei o passo para esquentar e saí correndo.

— Quero o Texas Chicken Special, sem salada nem molho, nada dessas coisas.

— Como? Quer apenas o frango e o pão?

— É.

Ele tinha cerca de um metro e meio de altura e o mesmo diâmetro na altura do abdome. Era fácil entender por quê. Sempre quis saber como pessoas que nem o sr. Esférico conseguem manter as calças no lugar. Será que grampeiam o cinto na barriga? De qualquer modo, sem o molho, o Texas Chicken Special não passava de um pedaço de frango frito entre duas fatias de pão empapadas. Mas não cabia a mim discutir com os fregueses a respeito do nome dos sanduíches. Minha função era apenas vendê-los. E sorrir. E dizer obrigado. “Com simpatia e educação, o dinheiro está na mão!”. Andy vivia recitando esse refrão nas palestras motivacionais da franquia, organizadas uma vez por semana. Adorava lemas para levantar o moral e julgava ter o dom de criá-los, embora seus slogans fossem ainda piores do que os encontrados nos vídeos de treinamento de pessoal da rede Max Snax.

Apertei o botão do pedido na caixa registradora e dei o troco para o sr. Esférico. Na cozinha, Jerry embrulhou

o sanduíche em papel alumínio enquanto eu enchia um copo de um litro com gelo e xarope gasoso em quantidades iguais, perguntando-me, pela enésima vez, como alguém poderia chamar essa porcaria reciclada de comida. E como acabei sendo obrigado a vendê-la. Pela enésima vez, tentei afastar aqueles pensamentos, mas eles acabavam voltando, como uma franja incômoda que não para de pinicar os olhos. E ainda estávamos numa maldita segunda-feira.

As mãos funcionavam em piloto automático, a cabeça vivia sempre em qualquer lugar menos ali, todo dia a mesma merda, sanduíche, um guardanapo por cliente de acordo com o regulamento, refrigerante, bandeja. Respirei fundo, tentei abrir um sorriso e recitei a benção das lanchonetes de *fast-food*: “Obrigado e bom apetite. Tenha um ótimo dia.” O gorducho atarracado resmungou alguma coisa, virou de costas e foi bamboleando até a porta. Virou-se de novo e abriu a porta com a bunda, saindo em uma ensolarada manhã de abril enquanto eu continuava preso atrás daquele balcão sufocante, suando na camisa de poliéster.

— Ei, Maguire! — cochichou Jerry, da cozinha. — Hora de agradecer é hora de se foder.

Não era exatamente um dos slogans oficiais da franquia, mas ele imitava direitinho o tom estridente e histérico dos instrutores. Eu até simpatizava com Jerry. Era quase tolerável, desde que não se tentasse manter uma conversa séria com ele. Nem dava para conversar olho no olho, aliás. Ou ele havia nascido com um grave problema de

coluna ou passara tempo demais debruçado sobre a tela do computador se masturbando. Andy não deixava que ele servisse a clientela, insistindo que eu causava uma impressão mais adequada à franquia. Se fosse verdade, era porque corria dez quilômetros por dia e não comia nada do que vendíamos, mas não disse isso a Andy. Ergui o dedo médio para Jerry, que deu uma risadinha e voltou a cuidar das frigideiras.

Mas que idiotice! Como fui me esquecer do circuito fechado de tevê? Andy havia espalhado câmeras por toda a parte, escondidas em pequenas redomas de plástico pretas, a maioria delas apontada para os funcionários, não para os clientes. Era um mistério Andy ter entrado naquele setor do ramo alimentício, já que detestava outras pessoas. Os fregueses, nem tanto, mas transformara o desprezo que sentia por seus funcionários em um trabalho de tempo integral. Por isso passava o dia inteiro no escritório, nos vigiando pelos monitores. Queria se certificar de que não surrupiávamos batatas fritas ou saíamos de fininho para fumar um baseado no banheiro. Mas preferia manter distância, sentado diante dos seis monitores de imagem borrada, à espera de que infringíssemos umas das centenas de “sugestões” que constituíam o código de conduta da Max Snax. Quando isso acontecia, a porta do escritório se abria lentamente e Andy emergia como um nervoso caranguejo-ermitão em busca de alimento no solo oceânico. Naquele instante, como eu temia, a porta se abriu. Eu estava prestes a receber um sermão de três minutos a respeito da conduta adequada para quem lida

com a clientela, que não incluía o uso de gestos obscenos para o pessoal da cozinha.

Andy se retirou com dificuldade do escritório. Tinha cerca de trinta e cinco anos e sempre usava camisas e gravatas que considerava apropriadas para o cargo de gerente que ocupava. Seu penteado exercia um fascínio mórbido sobre mim. Cabelos não lhe faltavam, mas o modo como os penteava fazia com que parecesse um senhor de meia-idade a meio caminho da calvície. Tentava esconder sua palidez e as manchas de pele com um bronzeado artificial. Mas não parecia tê-lo adquirido durante caras sessões em câmaras de bronzeamento, e sim por spray. Certo dia, ao vê-lo mais de perto, algo que eu tentava evitar, confirmei minha suspeita. Câmaras de bronzeamento não deixam listras brancas na testa nem manchas alaranjadas no colarinho da camisa.

— Finn... — disse ele, sacudindo-se de um lado para o outro e desviando o olhar.

Não viu o gesto que fiz para o Jerry, pensei. Veio tratar de outro assunto. Provavelmente algum servicinho de merda que não está disposto a fazer por conta própria. Afinal, era para isso que nos pagava o salário mínimo obrigatório.

— Temos um problema com a rotatividade da clientela.

Fiquei olhando para ele, esforçando-me para dar a impressão de estar confuso. Sabia o que ele queria dizer, mas queria ver se Andy conseguia se expressar em inglês coloquial.

— Bem ali — disse ele, apontando o mais discretamente possível para a mesa no canto mais afastado do balcão.

Ela havia chegado no meio da manhã e pedido chocolate quente, que já estava bebericando há quarenta e cinco minutos. Tinha mais ou menos a minha idade e usava o uniforme marrom da Kew School for Girls, embora eu duvidasse que o *piercing* no nariz fizesse parte do traje regulamentar. Havia exagerado no delineador e seus cabelos pretos caíam emaranhados sobre o rosto, mas nada disso escondia o frescor de sua pele branca, sua delicada estrutura óssea e as curvas que nem o uniforme desmazelado conseguia encobrir. Se bem que não fosse tão curvilínea assim. Pelos meus cálculos, estava uns cinco quilos abaixo do peso ideal. Essa era uma das razões pelas quais se destacava na lanchonete. A outra era por ser a única cliente. Era tarde demais para os estudantes que iam tomar o café da manhã e cedo demais para a freguesia habitual do almoço.

— Qual é o problema?

— Ela está bloqueando nossos melhores assentos.

Passei a vista ao redor. Não sabia que tínhamos assentos melhores que outros. Todas as cadeiras de plástico tinham a mesma cor verde berrante, arrumadas ao redor de mesas de um amarelo igualmente berrante, e proporcionavam a mesma vista espetacular do estacionamento da lanchonete, se não levarmos em conta os diversos adesivos grudados nas vidraças, anunciando a mais recente combinação de ervas, temperos, sal, mais sal e as substâncias químicas que revestiam nossos nojentos sanduíches de frango mecanicamente reciclado.

— Mas não tem mais ninguém aqui — ressaltei.

— Porque ela está bloqueando nossos melhores assentos! — vociferou Andy. — E o modo como se comporta... não condiz com a nossa imagem empresarial.

Nas minhas primeiras semanas de trabalho na lanchonete, achava graça do jeito de Andy. Mantinha meu pai em dia com os mais recentes e ridículos jargões empregados por ele. Fazíamos pouco do gerente ao jantar: “Pode me passar o condimento de sódio por cima da plataforma de consumo?”. Passados três ou quatro meses, no entanto, comecei a sentir como se estivesse trabalhando na lanchonete há muitos anos, impregnado com o cheiro de gordura, tão lambuzado do molho especial da franquia que suas substâncias químicas pareciam ter me penetrado até os ossos. Quando percebi que o alvo era eu, a piada perdeu a graça.

— Avise que ela tem de fazer outro pedido ou realocar sua freguesia.

— Realocar sua...

— Agora mesmo, Finn, por favor.

Andy disparou de volta ao escritório. Por um instante, suas antenas de caranguejo se agitaram, farejando o ar gorduroso. Depois, entrou e fechou a porta. Eu conseguia imaginá-lo sentando-se em sua cadeira de executivo, forrada de vinil imitando couro, de olho no monitor, aguardando que eu despachasse a cliente indesejada. Devia estar me cronometrando. Dei um suspiro e fui até a mesa.

— Olá.

Ela olhava fixamente para os carros que dobravam a esquina no cruzamento lá fora, como se esperasse que

um deles batesse e aliviasse a monotonia de sua manhã. Voltou-se para mim. Seus olhos verdes e vívidos eram quase grandes demais para o rosto em formato de coração. Tentei adivinhar a cor natural de seus cabelos tingidos de preto.

— Deseja mais alguma coisa?

— Não sabia que tinham serviço de garçom — retrucou ela, em tom causal, meio sorridente, quase como se estivesse flertando comigo. Mas era uma atitude forçada.

— E não temos.

— Então, por que a pergunta?

— O gerente quer que você compre alguma coisa.

— Mas eu comprei.

O sorrisinho desapareceu. Ela sabia o que eu ia dizer e estava pronta para a discussão. Não adiantaria nada, sua manhã já estava perdida, mas um bate-boca cumpriria a mesma função de um acidente de carro. Só então senti pena dela.

— Posso trazer outro chocolate de mentirinha?

Ela não entendeu a piada. Ainda bem. Foi patética.

— Não, obrigada. Tem gosto de mijo misturado com sabão.

— Sério? Nunca provei essa mistura.

Suas narinas se dilataram de raiva. Eu também estava com raiva por ter me metido naquela briga infantil a mando de Andy, mas fiquei curioso para saber o que ela usava nos lábios, deixando-os naquele formato e daquela cor.

— Quer dizer que se eu não fizer outro pedido você vai me escorraçar daqui?

— Não, não precisa. Eu pago. Nem precisa beber o chocolate. Assim pode ficar sentada o tempo que quiser.

Ela respirou fundo, olhou de novo para a rua atrás do estacionamento e abriu um sorriso enorme para mim.

— Pensando bem, Finn, você pode me trazer um Max Snack? Um dos maiores, de três camadas?

É claro que ela sabia meu nome. Estava impresso em letras enormes, na fonte festiva da franquía, no crachá que eu trazia pregado no peito. Os clientes nunca prestavam atenção nisso, a não ser na hora de reclamar.

— Completo?

— É, com molho *barbecue* extra, pickles e tudo o mais.

— Certo — disse eu, sem me mexer.

— E um refrigerante grande.

— Tudo bem.

— E dá para pôr tudo em uma bandeja? Com um monte de guardanapos?

— Claro.

— E depois será que você podia enfiar tudo no seu rabo? Fiz que sim.

— Quer uma porção de batatas fritas, também?

— Ah, não enche o saco.

Ela se levantou de supetão, na esperança de que a cadeira ou a mesa saísse voando. Ambas, de preferência. Não sabia que eram aparafusadas no chão. Fez uma careta ao ficar entalada entre elas. Fiz questão de que ela me visse olhando.

— Obrigado por vir ao Max Snax. Tenha um ótimo dia!

Disse isso com a quantidade certa de insinceridade arrogante, abrindo um sorriso pasteurizado, da largura exata preconizada nos vídeos de treinamento. Ela me olhou de cima a baixo com mais desprezo do que eu sentia por mim mesmo, observando as atraentes manchas de suor nas axilas de minha camisa bege de poliéster. Mesmo sentindo um arrepio de vergonha e humilhação ao vê-la partir, tive vontade de ir atrás dela, de tão sedutor era o modo como andava.

A lanchonete ficou vazia de novo. Uma cela vazia de plástico. Ainda que eu estivesse lá, o lugar continuava vazio. Apenas as redomazinhas pretas das câmeras de Andy me vigiavam. Não consegui nem erguer o polegar e abrir um sorriso de vitória. Já esgotara minha dose diária de ironia.

Apanhei um pano úmido e comecei a limpar o balcão, a caixa-registradora, os cardápios, tudo em que batia o olho. Tentei me manter ocupado para controlar o impulso de arrancar aquele uniforme horroroso e sair correndo de cuecas para casa. Hora de descansar é hora de limpar. Hora de agradecer é hora de se foder. Hora de fritar é hora de morrer...

Andy reapareceu, trajando seu blazer com botões de latão e reforço nos cotovelos. Usava-o apenas em três ocasiões: nas manhãs de sexta-feira, durante as sessões de treinamento dos funcionários; ao anunciar o montante de vendas mensal; e ao premiar alguém com um novo pino em seu crachá plastificado.

Trazia o pino na mão.

— Você se comportou de forma exemplar, Finn. Lidou muito bem com o problema.

— De nada, Andy, não precisava.

Ele queria me premiar por escorraçar clientes?

— Deixe de modéstia. Mais três destes e você será um astro da Max Snax. O que significa um aumento de 6% no salário.

Se recusasse, ele descobriria que eu odiava a rede, o próprio Andy, o uniforme e o emprego. O que o levaria a contratar outro fracassado. Mas eu precisava do dinheiro. Não dirigia e mal sabia ler. O que me restava?

— Obrigado, Andy.

Já havia um botão dourado no primeiro buraco do crachá, que todos os funcionários ganhavam simplesmente por aparecer no primeiro dia de serviço. Enfiei o novo no segundo burquinho. Não doeu mais do que se eu o pregasse na testa.

— Continue assim e logo será dono de sua própria franquia.

O resto do meu turno se passou em uma névoa de gordura. Como sempre, tomei banho e troquei de roupa antes de sair. Era outro motivo pelo qual eu não largava o emprego. Tomar banho em nossa casa era como ser urinado por um velhote com doença na próstata. O chuveiro da lanchonete jorrava uma água escaldante com a força de uma tempestade tropical. Ninguém mais tomava banho no trabalho. Era o único momento que eu tinha só para mim durante o dia.

Agachei-me diante do espelho do banheiro, baixo demais para alguém da minha altura, e penteei os cabelos

castanho-claros com os dedos. Sempre usava o cabelo curto, do contrário ele ficava todo espetado. Tentei não olhar para o resto do reflexo. Não que minha aparência me incomodasse. A não ser pelo nariz, quebrado em um treino de boxe, meu rosto não era nada mau, de acordo com papai. Triangular, com um queixo largo que precisava ser barbeado e uma boca meio feminina. Meus dentes eram retos e alinhados. A pele branca estava livre de cravos e espinhas (pelo menos naquela semana). Mas não conseguia encarar aqueles olhos de um azul desbotado que pareciam me perguntar como tinham ido parar ali e se passariam os vinte anos seguintes vendo o mundo por trás do balcão da lanchonete. Não tinha coragem de responder.

Enfiei o uniforme na mochila, planejando lavá-lo em casa, amarrei os cadarços dos tênis e saí correndo pelo estacionamento, desviando-me dos pedestres ao ganhar velocidade. Mantive uma pulsação de 140 batimentos por minuto a caminho de casa.

Os postes da rua se acendiam quando cheguei. Alonguei na calçada enquanto recuperava o fôlego, contente de saber que ainda conseguia encostar a testa nos joelhos. À medida que a pulsação diminuía e a respiração voltava ao normal, comecei a me dar conta de que havia algo errado. A casa estava às escuras, como se papai tivesse saído. Mas ele geralmente ficava escrevendo até eu voltar da lanchonete. Minha chegada era sua desculpa para dar o dia de trabalho por encerrado.

As cortinas já estavam fechadas. Será que chegaram a ser abertas? Vasculhei a mochila em busca das chaves

e abri a porta da frente. Antes mesmo de acender a luz, senti que o silêncio não era normal.

— Papai?

Um silêncio profundo, como se a casa estivesse vazia. Mas algo me dizia que não era o caso.

Nossa casa era pequena. A porta da frente dava para a sala de estar. A lâmpada demorou alguns segundos para acender e clarear o recinto. Papai detestava a luz que vinha do teto. Preferia iluminação indireta. Só a usava nas raras vezes em que se dispunha a arrumar a sala. A clareza fria e dura que o incomodava banhou o ambiente. Papai estava sentado à mesa. Não exatamente sentado, mais para esparramado, do jeito que eu o vira duas ou três vezes ao buscá-lo no pub, sempre que outra pessoa pagava as rodadas.

Fiquei parado no batente, tentando entender o que havia de errado naquela cena.

— Papai?

Fazia frio demais na sala. Ele não me ouviu. Ainda estava com os fones de ouvido.

Já o encontrara daquele jeito algumas vezes antes, de manhã cedo, com a cabeça apoiada nos braços. Daquela vez, no entanto, os braços estavam presos embaixo do corpo, formando ângulos estranhos. Ele não respirava. Tive certeza disso antes mesmo que meu cérebro registrasse a massa grudenta de sangue em sua cabeça e o objeto pesado e ensanguentado caído ao lado da cadeira.

Meu pai estava morto. Alguém havia se aproximado por trás dele enquanto ouvia música e batido em sua

cabeça com a estatueta de Ator Revelação de 1992. E continuou a bater nele até matá-lo. Papai permanecia de olhos abertos. Seus óculos haviam caído. O sangue que escorria de sua boca empapava a barba e formava uma poça na mesa. Ele estava morto. E a casa, vazia e silenciosa.